

WOLE SOYINKA, O MITO E O MUNDO QUE SE ABRE

SOYINKA, Wole. *Mito, literatura e o mundo africano*. São Paulo: Zahar, 2024, 232 p.

Há livros que entram na vida de um país com atraso, como se esperassem que o tempo amadurecesse para recebê-los. *Mito, literatura e o mundo africano*, publicado em Londres em 1975, por Wole Soyinka, é um desses casos. Demorou quase meio século para ser traduzido no Brasil, e essa demora diz tanto sobre nós quanto sobre Soyinka. Revela o longo período em que o pensamento africano circulou aqui de modo fragmentado, reduzido, quase sempre filtrado por interesses exógenos e pelas limitações do nosso próprio campo editorial.

Essa ausência se torna ainda mais marcante porque, muito antes desta edição brasileira, o livro já havia deixado marcas profundas em algumas trajetórias. Lido por vários no momento em que o Brasil ainda

engatinhava no debate africano, *Mito, literatura e o mundo africano* ofereceu a alguns desses leitores uma chave conceitual poderosa: a imagem de Ogum como herói civilizador, figura que atravessa o caos, inventa caminhos, humaniza a técnica e transforma a força bruta em cultura. Aquilo que depois se tornaria parte essencial da leitura sociológica e mitológica do candomblé por vários autores nasceu ali, numa leitura solitária, muito antes de o livro existir para o leitor brasileiro.

É simbólico, quase irônico, que a própria editora que recusou a tradução décadas atrás, alegando falta de interesse no tema, esteja agora publicando a obra pelo selo Zahar. A história editorial também compõe mitos.

Para compreender a força deste livro, é preciso voltar à Nigéria dos anos 1960 e 1970: independência recente, modernização apressada, golpes militares, sonhos futuristas e desilusões fulminantes. É nesse ambiente instável que Soyinka escreve e atua. Ele não é apenas dramaturgo e romancista; é militante, professor, exilado, preso político. Sua obra nasce desse atrito permanente entre esperança e desencanto.

Ao contrário do que se esperava de um escritor africano da época, nacionalista, celebrador de origens, alinhado a grandes movimentos de afirmação racial, Soyinka trilha outro caminho. Tem reservas profundas em relação à negritude, que considerava um espelho invertido da Europa: ainda dependente dela, ainda prisioneira de sua moldura mental. Para ele, afirmar África exigia, antes de tudo, recusar simplificações. A consciência africana não nasceria de slogans, mas da compreensão profunda de suas histórias, seus rituais, suas contradições.

O ponto de partida de Soyinka é sempre o mesmo: África é um mundo, não um tema. Um mundo complexo, plural, atravessado por conflitos

reais, que não se deixam domesticar pela retórica.

O livro avança pela via que Soyinka melhor conhece: o teatro ritual, a linguagem em que mito e ação se encontram. Para ele, o drama não é apenas uma forma estética, mas um método de conhecimento. O palco, no templo, na praça, no terreiro, é o espaço simbólico onde se encena o confronto entre humanidade e cosmos.

Soyinka insiste em algo que, para nós, envolvidos com as religiões afro-brasileiras, parece evidente, mas que em 1975 soava quase heresia intelectual: mito é pensamento em ato. A tragédia grega nasceu desse entendimento; o drama iorubá o preservou. Enquanto o Ocidente cristão empurrou o sagrado para o céu e domesticou a experiência ritual, os iorubás mantiveram aberta a comunicação entre os mundos — o terrestre, o ancestral, o ainda-não-nascido.

Por isso, para Soyinka, o rito não é espetáculo: é travessia. Não é metáfora: é experiência real, capaz de reordenar as tensões que atravessam o corpo social. A teatralidade moderna, ao reduzir o palco a um objeto de observação, amputou essa dimensão vital.

É neste ponto que o livro revela sua maior potência, e onde ele fala diretamente à mitologia que conhecemos bem no Brasil. Soyinka elege três orixás como paradigmas do agir humano: Obatalá, Ogum e Xangô. Não os toma como símbolos fixos, mas como forças que estruturam um modo de compreender o mundo. Nessa tríade, Obatalá representa a forma, a criação ponderada, o desenho do ser; Ogum, a travessia, o risco, o gesto inaugural que rompe as fronteiras do possível; Xangô, a justiça, o equilíbrio entre potência e responsabilidade.

Esses três orixás não são apenas divindades; são modos de existir. Constituem, juntos, uma teoria africana da civilização; teoria que não foi escrita como filosofia, mas encenada como mito e ritual ao longo de séculos.

E aqui reencontramos a imagem de Ogum como herói civilizador. Em Soyinka, Ogum não é apenas guerreiro. É inventor. É o que enfrenta o perigo primordial, dissipa o caos, abre passagem onde não havia caminho. A técnica, a construção, a cultura material surgem sob sua proteção. Ogum é o movimento que arranca o mundo de sua inércia.

Não é à toa que, no Brasil, foi justamente Ogum quem se fez tão presente nas linguagens do trabalho, da rua, da luta cotidiana. Ele é o orixá que melhor traduz a modernidade das periferias urbanas. E Soyinka já intuía essa vocação.

Soyinka recorre à comparação para revelar afinidades inesperadas, não para subordinar tradições. Ele encontra no drama grego elementos que ecoam nos ritos africanos; vê, no teatro contemporâneo europeu, tentativas desajeitadas de reencontrar uma profundidade ritual que o cristianismo diluiu; e identifica nas Américas, especialmente no Brasil e no Caribe, uma vitalidade ritual que escapou ao controle colonial.

Essa perspectiva ilumina algo essencial: o mito iorubá não é isolado, nem exótico, nem arcaico. Ele dialoga com o mundo. É um entre vários modos humanos de responder à mesma inquietação fundamental: o que sustenta a vida diante do invisível?

O livro não pretende ser uma síntese da África. Sofre, sim, dos limites de sua própria época: forte centralidade iorubá, pouca atenção a outras realidades e culturas africanas e certa confiança em universalidades

que hoje suscitam debate. Mas esses limites não diminuem sua relevância, apenas situam seu gesto intelectual.

Quase cinquenta anos após sua publicação em Londres, *Mito, literatura e o mundo africano* permanece atual porque devolve ao leitor um princípio simples e poderoso: cada sociedade pensa por meio de suas narrativas, e algumas dessas narrativas, como as que envolvem Obatalá, Ogum e Xangô, alcançam uma profundidade que não se extingue.

Por que o livro importa agora? O impacto deste livro no Brasil de hoje não é apenas acadêmico. É histórico. Num país em que os orixás atravessaram oceanos, sobreviveram à escravidão, reinventaram-se em terreiros, músicas, artes visuais, literatura e política, Soyinka oferece uma linguagem para compreender essa presença não como folclore, mas como pensamento.

E, para os mais diferentes leitores, este livro tem ainda outra camada: ele parece ter sido a base do que depois se tornaria obra e destino. Muitos livros escritos no Brasil parecem inspirados neste *Mito, literatura e o mundo africano*, mesmo se sabendo que quase ninguém, no Brasil, o conhecia. Não

se trata de nada a ser explicado por artes mágicas. Soyinka, ao escrever este livro, trata seus heróis deificados como universais, e essa universalidade amarra livros brasileiros diversos e muito procurados entre si e com a obra ora comentada, como parentes, estreitados em laços suficientemente fortes para manter juntos continentes que o oceano, que não parou de se alargar, tentou separar.

O mundo dá voltas. O livro enfim chegou ao Brasil. Chega num momento em que sua inteligência pode ser plenamente reconhecida.

Se há um orixá que explica esse trajeto, é justamente aquele que Soyinka soube ler tão cedo: Ogum, que abre caminhos quando o mundo insiste em fechá-los.

Se o mundo e a política mudaram, termos novos foram criados para se entender a realidade mundial – a africana, a brasileira. Palavras como decolonial não querem apenas mudar a língua. Seu alvo é a transformação do mundo e, neste caso, da África – e, por que não, do Brasil, um país branco que é metade negra, no mínimo.

Também as religiões mudaram. Há novas demandas para os cuidados dos deuses e das deusas. E, como

acontece sempre, novas religiões se criam para dar conta de um mundo que nunca se contenta em ser o que é. No Brasil, a grande novidade é o culto a Ifá, ou Orunmilá. O senhor do oráculo, dono do saber primordial. Tivesse sido escrito hoje, este livro que já mostra Ifá como o orixá que constrói a ciência necessária para se enxergar o mundo e o curar, teria feito dele parceiro de Obatalá, Ogum e Xangô no fazer do mundo, o africano e o que dele se supriu para ser e crescer. Mas é claro que essa tarefa de reposicionamento de Ifá num mundo mais complexo, complicado e perigoso, apesar de bom, desejável e gostoso, deve estar na mira dos que chegam agora, tendo Ifá à frente, sem deixar para traz todos os demais orixás que dão forma, movimento e vida ao mundo.

Enfim, *Mito, literatura e o mundo africano* é um livro que nos permite participar de uma longa conversa de um mundo africano com seu vizinho ao norte, mais que isso, com o

Ocidente. É uma obra que nos chama para pensarmos juntos e, quando necessário, discordar, porque sem isso o conhecimento não avança. É um livro para iniciados e não iniciados, que trata do mundo que há em nós e que nos tem; um livro sobre ser.

O livro também é recomendado para quem não se ocupa diretamente dos temas africanos ou afro-atlânticos, mas simplesmente aprecia uma grande obra. Afinal, Wole Soyinka é Nobel de Literatura – o primeiro africano a receber essa distinção, em 1986, façanha repetida por apenas cinco africanos em outras áreas da premiação. Para nós, brasileiros, cuja convivência com o legado africano é profunda, embora historicamente pouco reconhecida, há um certo alívio simbólico em ver Soyinka finalmente disponível em nossa língua.

Reginaldo Prandi  

Universidade de São Paulo

doi: 10.9771/aa.v0i72.72613